**ENTRE PALAVRAS, LAMBIDAS E LATIDOS**

A vida, muitas vezes, nos reserva encontros mágicos e surpreendentes. E, ao recordar minha infância, dois desses encontros afloram em minha memória com uma intensidade que ainda faz minhas lágrimas molharem o teclado do meu computador velho, enquanto estou sentada em frente à minha velha estante de livros. Foi através das páginas de um livro que, com apenas nove anos, conheci Jorge Amado, o ilustre autor baiano. O romance "Capitães da Areia" me cativou instantaneamente; ele era mais do que um escritor para mim; era um contador de histórias extraordinárias, um artista que sabia como transportar seus leitores para mundos de imaginação e reflexão. Aquele livro, emprestado da biblioteca da escola, foi o primeiro passo em uma jornada que me levaria a desvendar as incríveis histórias desse autor.

Mas, em um dia que parecia comum, ao voltar da escola com mais um livro de Jorge Amado na mão, a vida me reservou mais uma surpresa que mudaria meu destino para sempre. Um gemido fraco ecoou do terreno baldio próximo ao meu caminho. Minha curiosidade infantil não tardou a me impulsionar na direção do som, e o que encontrei ali marcaria a minha vida profundamente.

Havia um filhote de cachorro, tão pequeno e frágil, que mal conseguia se manter em pé. Seu corpo estava tomado pela sarna; a fragilidade e o medo eram notáveis, suas patinhas minúsculas, cobertas de sujeira, grudavam em mim. Caminhei de volta para casa com aquele bichinho fedorento em meus braços, sem saber que estava prestes a iniciar uma jornada de cuidado, amor e amizade. Nossas vidas se cruzaram naquele dia, como personagens de um conto e a partir dali meus dias seriam preenchidos com capítulos repletos de afeto, ternura e alegria. Era como se o próprio Jorge Amado, com sua habilidade mágica de narrador, tivesse planejado esse encontro.

Jorginho, como batizei meu fiel companheiro, tornou-se meu amigo de quatro patas. Assim que eu saía da escola, lá estava ele, ansioso no portão, com um olhar cheio de alegria e fidelidade que derretia meu coração. Não importava se o dia estava ensolarado ou chuvoso; ele estava lá, abanando o pedacinho de rabo que ele tinha.

Em casa, Jorginho ficava embaixo da janela do meu quarto, deitado. Se ele ouvia minha voz ou percebia qualquer sinal de que eu precisava de consolo, ele reagia imediatamente, latindo com entusiasmo e preocupação. Ele não era apenas um cachorro; era meu amor em forma de patinhas curtas, latejos e pelagem caramelo. Agora, ele era saudável e bonito, alimentava-se bem e amava brincar com bolinhas.

Nossos dias eram repletos de brincadeiras e leituras. Eu lia em voz alta para Jorginho, que me olhava curioso, sua cabecinha inclinada acompanhando a mudança de entonação da minha voz. Era como se ele entendesse cada palavra que saía dos meus lábios. Às vezes, um moleque

bobo da vizinhança tomava meu livro e saía correndo, rindo, e meu bravo cão não hesitava em correr atrás dele, latindo com fúria protetora, como se soubesse a importância daquele objeto para mim.

Era uma cena hilária e ao mesmo tempo comovente. Jorginho, com suas patinhas curtas e pelo caramelo, latindo furioso, não era o cachorro mais imponente, mas sua coragem era admirável quando tratava de me proteger.

Cada página dessa história que vivíamos juntos era escrita com as cores da amizade genuína e do amor incondicional que só os amigos de quatro patas podem oferecer. Passamos quatro anos de amor e companheirismo, anos recheados de momentos que só aqueles que já tiveram a bênção de ter um amigo peludo e fiel, entenderão completamente.

Mas um dia, ao sair da escola, não encontrei Jorginho à minha espera no portão. Uma angústia apertou meu peito, e, ao chegar em casa, minha preocupação se transformou em desespero. Revirei cada canto da casa, chamando seu nome, mas ele não respondeu com latidos e rabo abanando.

Entrei em meu quarto e me deitei na cama, soluçando de tanto chorar. Foi nesse instante que ouvi um gemido fraco. Olhei embaixo da estante de livros, onde algo parecia estar errado. Lá, embaixo, deparei-me com Jorginho, tremendo muito com a boca cheia de sangue, numa agonia angustiante, como se estivesse suplicando por socorro. Peguei-o nos braços com desespero e saí correndo do quarto em busca de ajuda. Mas o tempo não estava ao nosso lado. Em meus braços, senti sua respiração fraca, e então, em um último suspiro, meu amigo se despediu.

Soube apenas depois, que um vizinho, maldosamente havia colocado veneno de rato em pedaços de carne para atrair os gatos da vizinhança, e meu amigo comeu.

Perdi meu amado, meu Jorginho! A dor daquela perda foi como uma ventania que sacudiu meu coração. O vazio que ele deixou era mais profundo do que qualquer palavra poderia expressar, eu, que amava as palavras, não conseguia encontrar uma que definisse aquele momento. Jorginho deixou sua marca permanente em minha vida, ensinando-me sobre amizade, lealdade e o poder do amor incondicional, da mesma forma que a inesquecível cachorrinha Baleia, que habita as páginas de "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. Ele se foi, mas sua memória continua acesa em meu coração, como uma história que nunca será esquecida.

Sei que ele vive em algum lugar especial, talvez em um "céu de cachorros", onde a alegria e a lealdade são eternas. Jorge Amado, por sua vez, vive nas páginas de seus livros, nas histórias que ele tecia com habilidade e paixão. Seu legado literário continua a inspirar gerações. Ele se tornou mais do que um autor; ele é um amigo silencioso que me acompanha sempre.

Ambos, Jorginho e Jorge Amado, marcaram minha vida de maneiras profundas e duradouras.

Jorge Amado vive nos livros, e Jorginho na minha lembrança e no meu coração eternamente.

Minha infância não poderia ter sido melhor, entre palavras, lambidas e latidos.